



DIÁLOGOS ENTRE PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO INFANTIL.¹

Simoni Antunes Fernandes². UNIJUÍ

Há muito tempo que os bebês deixaram de ser alvo apenas de descrições funcionais da medicina clássica. Os bebês de hoje não se parecem mais com aqueles que ficavam enfaixados, cujas mãos ficavam imobilizadas e, supostamente, mal enxergavam. Tratava-se de bebês aos quais pouco se oferecia e pouco se atribuía. Desde o final da década de 1970 passou-se a tomar a pequena criança como objeto de uma série de pesquisas científicas. A partir de uma pesquisa bibliográfica, trazendo autores que trabalham no campo da educação e da psicanálise, podemos pensar que as pesquisas mais recentes mostram um bebê dotado de um aparato que o torna desde os primórdios de sua vida, capaz de ser um parceiro ativo na interação com seus pais e entorno. Esta nova concepção também aponta aos aspectos psíquicos presentes no bebê e suas implicações quando algo não está indo bem. Os olhares também se voltam para as instituições que acolhem os pequenos como as Escolas Infantis. No Brasil, historicamente, o atendimento a criança pequena era marcado por um trabalho assistencial que visava proporcionar para a criança condições que supostamente faltava em seu lar. Esse era o objetivo básico das instituições até poucos anos atrás quando então a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB de 1996 determinou que a educação infantil fosse direito de toda a criança e que fizesse parte da educação básica. Assim, o trabalho da Escola Infantil passou a ser de proporcionar desenvolvimento integral da criança, e esta começa a ingressar no espaço escolar cada vez mais precocemente. Em consequência a isto, tem sido um grande desafio das escolas a questão do cuidar e do educar e a importância que esta instituição tem na constituição psíquica de uma criança. Partindo da escolarização de pequenas crianças, acredita-se na necessidade de pensar algumas diretrizes de trabalho para quem se ocupa de acolher bebês na Creche. Acredita-se que o espaço da Creche, além de constituir-se num espaço de produção da criança, pode vir a constituir-se também como um organizador psíquico à medida que esta reconheça seus sujeitos e disponha de planos e programas específicos para eles. Se tratando de bebês que estão ao cuidado de outros não familiares, torna-se relevante discutir os efeitos desta inserção precoce na esfera pública ao que concerne o desenvolvimento subjetivo desta pequena criança. Entende-se que profissionais da educação infantil ocupam um lugar na história psíquica destas crianças que vem a Creche. O cuidar do corpo diz de ações voltadas apenas para a sustentação física (trocar fraldas, manter hábitos de higiene, estimular cognitivamente, etc.). Já a questão central da Creche, pelo viés da psicanálise, pode ser pensada no que tange ao processo de armar laços, discursos para fazer do corpo da criança um corpo subjetivado. Os cuidados prestados ao bebê da educação infantil vão além do simples atendimento as necessidades de alimentação, higiene, saúde, motivação e educação formal. Em se tratando de um bebê que está em desenvolvimento, se estruturando enquanto sujeito psíquico, as intervenções na Creche não podem ser realizadas somente pelo viés orgânico, onde as educadoras somente se ocupam com o cuidado funcional do corpo. Ao sair tão precocemente do campo familiar, a pequena criança possui poucas marcas simbólicas e a Creche tem de se ocupar disto, ou seja, favorecer a subjetivação pela palavra. Uma criança sente-se cuidada quando conta com adultos disponíveis e com condições subjetivas para lhe



sustentar referências de identificação. E, por se tratar de um sujeito em constituição, estas referências deverão complementar e expandir as das funções parentais nesse novo espaço: o institucional. Portanto, quem se ocupa dos bebês na Creche são protagonistas na sustentação desse ser.

¹ Possibilidade de contribuições da psicanálise com pequenas crianças à educação infantil de zero a três anos.

² Aluna do Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUÍ